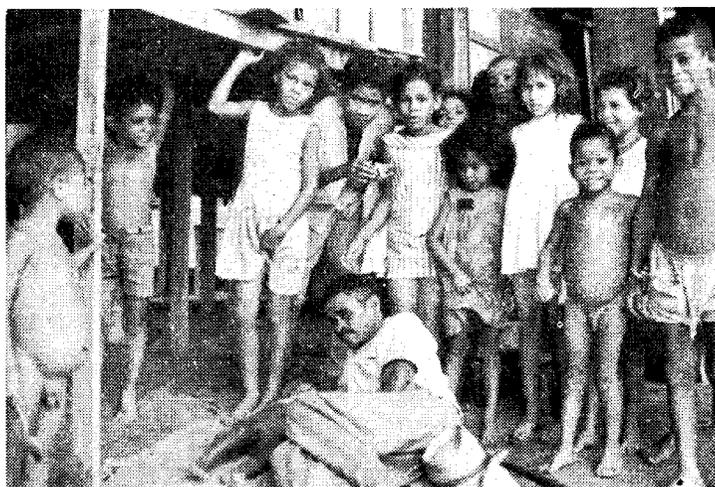


**ISAL - Junta Latina Americana de Igreja e Sociedade.**



## MIGRAÇÕES INTERNAS

### O DRAMA DO HOMEM LATINO AMERICANO SEM TERRA

Alguns viajam de ônibus, outros de trem. As primeiras viagens são mais caras, mais rápidas, mas assim mesmo levam dias e dias. Muitos não têm dinheiro suficiente para o mínimo de alimentação nem tampouco para pagar pensões à beira da estrada, e então comem rapadura ou banana e farinha de mandioca. E dormem ao relento. As viagens de trem são mais baratas, mas levam 9 a 10 dias, com diversas baldeações. As passagens são compradas parceladamente em cada novo entroncamento, e aquele que não vem suficientemente informado e munido do necessário dinheiro é obrigado a vender o pouco que tem, e até mesmo a mendigar para adquirir novas passagens. Em alguns casos há gente forçada a interromper a viagem por falta de recursos. Pode-se ter uma idéia em que condições chegam ao fim de uma viagem dessa natureza. Há, porém, os que viajam em *paus de arara*, ou porque é mais barato ou mesmo porque é inteiramente gratuito. Mal sabem que estão sendo praticamente vendidos a um fazendeiro, sujeitos a serem empregados sem pagamentos, já que o seu suposto salário é para saldar as suas *dívidas*. Mesmo aqueles que contratam o transporte com

um motorista de caminhão estão sujeitos a *contos* de peças quebradas e obrigados a pagar adicionais ou serem deixados no meio do caminho.

Quem é esse viajante estranho? Nada mais, nada menos, do que o migrante brasileiro — ou o migrante latino-americano. Tal tipo de viagem tem conseqüências. A Hospedaria de Imigrantes do Departamento de Imigração e Colonização do Governo do Estado de São Paulo registra com freqüência casos de crises psicóticas entre os migrantes chegados de uma longa viagem e que, muitas vezes, apresentam recuperação satisfatória depois de repouso adequado e regime alimentar suficiente. A mesma hospedaria tem visto passar as maiores vítimas dessas migrações — as crianças. Basta uma visita ao hospital infantil dessa hospedaria para encontrar crianças e mais crianças incapazes de sorrir, brancas como uma folha de papel, impossibilitadas de andar apesar de terem dois anos de idade, para não mencionar verminoses e avitaminoses. Quantas outras vidas não ficaram ainda enterradas à margem da estrada?

A viagem acabou, mas cadê a terra da promessa?

## O DRAMA HUMANO

Uma família dorme ao relento, crianças pedem esmolas, um nenê de 3 meses é alimentado pela mamadeira imunda. Não há empregos para famílias com crianças. Os fazendeiros preferem homens sós, mas para estes também o emprego é escasso, a não ser nas safras. A vida do migrante é andar de um ponto a outro em vagão de segunda, a cata de empregos e mesmo assim, quando o moço da migração dá passe de viagem. Perto da estação férrea em Presidente Prudente aparecem homens com os convites tenta/lores, Vamos embora que há trabalho em Mato Grosso. Só experimentando para ver trabalho escravo, o que ganha não paga o cigarro, que custa o dobro, a comida que não alimenta e ainda mais o colchão. Mas reclamar é apanhar na certa e o jeito é tentar fugir. O que fazer? Sapatos já não existem, a roupa está acabando, o estômago reclama. Mais um pouco, é atravessar a ponte e ir procurar o albergue do padre para pedir dormida e alimentos. E continuar, para onde? Voltar para o norte, mas se nem dinheiro tem? E depois a triste figura dos que descem à tardezinha de um trem em Monte Azul, esfarrapados, pés no chão, mais pobres do que quando desceram à terra prometida.

Multiplicam-se barracos ao longo do rio. Se chove, sobem as águas e o povo foge. Vantagem de quem é pobre é nada ter para perder. Crianças crescem nuas, pés no chão, barrigas enormes, de vermes. Na noite avançada dormem meninos pequenos nas calçadas. Farrapos no corpo, nudez exposta "môça me dá um dinheiro prá comprá pão" estendem a mão engraxates de 11, 12 anos, sem escolas. O corpinho é mirrado, mal crescido, mas está à venda. Meninas moças "mulheres de vida fácil". A cidade cresceu e continua a crescer rápido, vem gente de todos os municípios circunvizinhos a cata de empregos, recursos médicos e meios para migrar. Cresce o desemprego e subemprego, salário mínimo dividido entre três empregados, todos assinando recibo de salário integral. Não há parque industrial nem agricultura para absorver a mão de obra abundante. Também nos morros crescem barracos. Ninguém sabe dizer quanta gente mora em condições de favelas, vivendo sabe lá de que jeito, essa população marginalizada que cres-

ce a olhos vistos. 500 a 600 crianças são alimentadas diariamente numa obra católica no morro, mas crianças mendigas proliferam pela cidade, grande número delas sem escolas, outras sem recursos para comprar o uniforme, outras desfalecendo de fome nas classes. Crianças nas ruas, sem lares, fácil aprendiz de delinquentes.

Afirma o próspero industrial: "essa gente está assim porque quer". O crente que foi pobre, lutou e venceu faz de si um exemplo para dizer que "o problema é de regeneração moral é preciso pregar o evangelho e salvar as almas".

Pouca gente dá-se ao trabalho de pensar no problema do migrante em toda a sua extensão. Porque conhecer a verdade incomoda.

É mais fácil deixar continuar o turismo da miséria dessa gente desesperançada.

É mais fácil deixar que crianças anônimas continuem distróficas, sem andar e sem sorrir aos dois anos.

É mais fácil deixar que a exploração do hu- milde e indefeso continue.

Até quando??

## AS DIMENSÕES DO PROBLEMA

O continente latino-americano, em sua última década, tem se defrontado com um movimento de intercâmbio de população sem precedentes. Este fenômeno, com todas as conseqüências político-econômico-sociais, constitui um dos aspectos mais sérios da crise que atravessamos.

As correntes migratórias de população se fazem em todos os sentidos, de forma desordenada e caótica e com uma carga de sofrimento indescriível. A sua maior incidência, entretanto, é notada no eixo rural-urbano.

Também no Brasil os movimentos de população crescem. Certas regiões do país, notadamente São Paulo e Paraná, começaram a ter carência, com a quase total paralização da imigração estrangeira, de mão de obra para o seu desenvolvimento, iniciando-se o incentivo ao deslocamento da população, principalmente do nordeste para o sul do país.

Os últimos censos mostram que em 1950 havia 10,28% da população fora dos estados (5.206.319 pessoas), para 8,5% em 1940 (3.450.964). Hoje o quadro é bem mais significativo.

É preciso que se ressalte ainda que estes da-

dos não espelham totalmente a mobilidade populacional. São apresentados apenas em termos de Estado, desprezando-se a numerosíssima migração dentro do próprio Estado. Há, por outro lado o movimento de refluxo que, segundo mostram as estatísticas, atinge mais de 30% da corrente migratória.

### PARA ONDE SE DESLOCAM TANTAS PESSOAS?

A migração interna se faz em diversos sentidos, de forma cíclica, temporária ou permanente.

São classificadas, por alguns sociólogos, em três grandes grupos:

1) *Êxodo rural* — caracterizado pela saída de população das áreas rurais, geralmente agrícolas, para zonas urbanas e suburbanas. 2) *Migrações de zonas rurais para outras zonas rurais* — É o deslocamento de zonas de terras pouco férteis, muito usadas, expostas a problemas climáticos para outras que ofereçam melhores condições. 3) Migrações de centros urbanos (pequenas cidades) para outros centros urbanos (grandes cidades).

O êxodo rural, entretanto, é o mais importante de todos. O crescimento anormal das grandes cidades, com toda a série de problemas e dramas, é a prova mais evidente do fenômeno. Basta olhar os resultados dos últimos censos, que espelham esse quadro desafiante.

	1940	1950	1960
Rio de Janeiro	1.519.010	2.335.931	3.223.408
São Paulo	1.258.482	2.041.716	3.164.804
Recife	323.177	522.466	788.569
Salvador	290.443	395.993	630.878
Porto Alegre	252.246	381.964	617.629
Belo Horizonte	177.004	346.207	642.912

Esta urbanização surpreendente realiza-se à custa da população rural que, deslocando-se massivamente para as cidades, produz o que se denominou o "inchamento das cidades".

### POR QUE SE DESLOCAM TANTAS PESSOAS?

Nas causas das migrações internas, e aqui particularmente no eixo rural-urbano, podemos, de forma resumida, apontar algumas forças de repulsão, outras de atrações e os chamados "deno-

minadores comuns".

Como causas de repulsão do homem rural, indicaríamos: a estrutura agrária, ressaltando-se as condições econômicas no que tocam às condições de trabalho e posse da terra, a insuficiência da área cultivável em função da natureza do solo (minifúndios), área cultivável grande, mas insuficientemente explorada (latifúndios); técnica agrícola atrasada, salários baixos, falta de mercado de trabalho, insegurança no trabalho e ausência de recursos assistenciais.

Ao lado deste conjunto de fatores repulsivos atuam as chamadas forças de atração. Apontamos como principais: a crescente industrialização e suas conseqüências; o incremento do setor terciário da economia com o salário médio dos trabalhadores, consideravelmente superior à remuneração dos ocupados na economia agro-pecuária; a possibilidade de melhores oportunidades de educar os filhos, cuidados sanitários, os meios de comunicação modernos mostrando avanços tecnológicos, formas de vida confortáveis, e a cidade em si mesma, como alvo que todos desejam atingir.

As migrações internas precisam ser olhadas como decorrência, muitas vezes, do próprio processo de desenvolvimento. Não é desejável a manutenção no campo de uma tão alta porcentagem da população; e a industrialização vai exigir a formação de um melhor mercado interno, impossível com a atual situação agrária, assim como o emprego de mão de obra mais qualificada.

Podem ser vistos estes deslocamentos também como forma de pressão contra as estruturas sociais. Os contrastes passam a ser notados, a condição mísera aumenta fortemente o descontentamento, certas necessidades são agora evidenciadas, a apatia e a passividade diminuem e, como forma de protesto, os homens do campo tomam a decisão de deixar a sua região, com toda a estrutura tradicional, em busca de uma nova sociedade que lhe possa oferecer condições mais dignas de vida.

### CONSEQÜÊNCIAS DAS MIGRAÇÕES INTERNAS

O êxodo das massas do campo para a cidade acarretam uma série de conseqüências sócio-econômicas. Destacamos:

1. O crescimento desordenado das cidades que, com seus limitados serviços públicos e sem planejamento para o futuro, não estão capacitadas para receber tal incremento populacional, aparecendo os bairros marginais tão comuns na América Latina. Cria-se o desemprego e o subemprego. O *deficit* de residências aumenta e cada vez maior número de pessoas passa a viver em condições sub-humanas.

2. O problema da falta de braços no campo, que pode provocar um retrocesso na capacidade produtora da agricultura, com o agravamento do abastecimento do mercado consumidor de gêneros alimentícios.

3. A difusão cultural engendra a inclusão de novos hábitos até então desconhecidos pelos rurícolas que viviam mais ou menos isolados em suas regiões. Realmente, essa última consequência permite a integração de populações rurais no progresso do contexto urbano nacional, introduzindo tipos de culturas que sempre se mantiveram à parte, adquirindo outras que vêm modificar-lhes a mentalidade, permitindo-lhes o ingresso num padrão de vida mais elevado.

4. A inclusão, depois de certo tempo, no circuito do mercado nacional e na economia monetária de numerosas camadas de população, que no passado viviam passivamente dentro de uma economia marginal, numa simples auto-suficiência vegetativa.

5. A crescente politização das massas, que se evidencia no seu comportamento social, deixando aquela antiga dependência, passando a gozar, ainda que de forma precária, dos seus direitos de cidadão. As possibilidades de conscientização são mais evidentes, mesmo com o risco da atuação dos demagogos e politiqueros profissionais.

6. No balanço dos prós e contra, as migrações internas, a longo prazo, agem sempre como fator dinâmico do progresso social benéfico. Permanecendo ou não o desemprego nas cidades é fator positivo, e deve ser encarado como fase preliminar de desenvolvimento. O importante é que esse desenvolvimento seja feito de forma humana, respeitando-se a dignidade e os direitos fundamentais da criatura. E aí está o grande papel e função da Igreja no processo de desenvolvimento.

### **ASPECTOS DESUMANIZANTES DAS MIGRAÇÕES INTERNAS**

A falta absoluta de orientação e assistência ao migrante seja nas áreas de emigração, ao

longo do sistema viário nacional, ou nos pontos de fixação, faz com que a migração se realize inteiramente à mercê da sorte. Dessa forma verificam-se com freqüência movimentos migratórios a lugares cujo mercado de trabalho já está saturado ou que, por outras razões, não mais oferecem condições satisfatórias de vida. Verifica-se também a falta absoluta de preparo de uma grande parte de migrantes, que viajam com idéias fantásticas sobre as condições que vão encontrar no Sul, inclusive entre os membros de sua família, sem falar naqueles que deixam de trazer documentos pessoais, cuja falta pode mais tarde representar grave impedimento na obtenção de emprego estável ou até mesmo para tratamento de saúde. Mais ainda, tal situação de abandono dá lugar a toda sorte de explorações, seja em forma de recrutamento de trabalhadores para fazendas, seja em relação a hospedagem e mesmo como um aliciamento ao lenocínio. Claro está que não fosse de tal precariedade a situação desses migrantes, estariam eles menos sujeitos a explorações dessa natureza. Contudo, muitos deles vão fugindo de uma situação impossível, num estado de verdadeiro desespero, limitados na sua capacidade de discernir e escolher soluções adequadas para si e suas famílias. Mais uma vez aquela história do "se ficar o bicho come, se correr o bicho pega".

### **E A IGREJA?**

A Junta Latino-Americana de Igreja e Sociedade, reconhecendo a complexidade e grandiosidade do fenômeno está patrocinando um estudo sobre o assunto. São seus objetivos: oferecer às Igrejas os elementos necessários para a devida compreensão das migrações, sensibilizar a opinião pública para os grandes dramas que encerra, denunciar às autoridades a injustiça que tantas pessoas sofrem e cooperar na busca de formas de serviço para tornar mais humana esta fase de transição.

Não seria possível a indiferença, a ausência, a incompreensão dos cristãos perante tanta dor, tanta miséria.

Dos planos de estudo, além das publicações que serão feitas, constam a realização de seminários regionais e uma consulta nacional para informação, debate e planejamento de ação da Igreja, em projetos próprios ou em cooperação com outras entidades governamentais ou particulares no sentido da humanização deste fenômeno.